

LINGUAGENS E SABERES PROFISSIONAIS NA CONSTRUÇÃO CIVIL

Languages and professional knowledge in civil construction

ALMEIDA, Grazielle Tomaz de¹
LAUDARES, João Bosco²

RESUMO

Neste artigo são apresentados aportes teóricos e discussão de questões que fundamentam uma pesquisa sobre linguagem e saberes na construção civil. Problematizam-se a formação e qualificação de profissionais, pedreiros e mestre de obra. Insere-se a investigação, na temática Educação e Trabalho, ao estudar as relações sociais produtivas nas quais, se tem uma situação de trabalho. Tomam-se parâmetros da Ergologia para se identificar a complexidade da atividade trabalho. Considera-se a interação como categoria fundante na pesquisa, visto que na atividade ela é fator da produção e desenvolvimento de saberes. Apresentam-se alguns resultados de estudos, a partir da revisão bibliográfica realizada.

Palavras-chave: Linguagem; Saberes; Construção civil; Educação e trabalho.

ABSTRACT

This article presents theoretical support and discussion of issues that give support research on language and knowledge in construction. Problematises the training and qualification of professionals, workers and works manager. It forms part of the research on the theme Education and Work, by studying the social relations in which productive, has a work situation. It takes the parameters of Ergology to identify the complexity of the work activity. It considers the interaction as a basic category in the research, since it is the activity factor of production and development of knowledge. They are presented some results of studies from the literature review realized.

Keywords: Language; Knowledges; Civil construction; Education and work.

¹ Mestranda em Educação Tecnológica do Centro de Educação Tecnológica de Minas Gerais CEFET/MG, pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisa – Formação e Qualificação Profissional FORQUAP (CEFET-MG), graduada em Pedagogia pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: grazipedagogia@yahoo.com.br.

² Doutor em Educação pela Universidade Católica de São Paulo PUC/SP, Professor do Mestrado em Educação Tecnológica do CEFET-MG e Líder do Grupo de Pesquisa Formação e Qualificação Profissional (FORQUAP – CEFET-MG). E-mail: laudaresjb@dppg.cefetmg.br.

INTRODUÇÃO

No âmbito das diversas discussões sobre Trabalho e Educação, há aquelas que compreendem que em toda ação de trabalho, a subjetividade do trabalhador faz-se presente, de um modo tal que a complexidade da atividade de trabalho impele o desenvolvimento de saberes. Neste sentido, tem-se que o sujeito, independente do seu nível de escolaridade e qualificação, por meio das relações sociais e da interação com sua atividade, se faz cognocente, produzindo e desenvolvendo saberes.

Abordar os saberes, nas situações de trabalho, requer considerar também que toda

aplicação de princípios técnico-científicos é sempre, em parte, uma reinvenção local, e toda atividade de trabalho é sempre, mais ou menos, uma 'dramática do uso de si', situadas entre estas normas antecedentes e a necessidade de dar-se a si mesmo normas, aí onde as primeiras são 'inacabadas' (SCHWARTZ, 2003, p.26).

Este estudo busca analisar de que forma a linguagem do trabalho revela e produz os saberes profissionais constituídos e utilizados na construção civil. Em especial, a pesquisa ainda em estado inicial, orienta-se de modo se aproximar das situações que convocam um entendimento do trabalho prescrito³ (pelo engenheiro) pelos demais envolvidos no trabalho (mestre de obras, encarregado, pedreiro e servente). Segundo Magalhães (1986), é necessário um saber prévio para que haja entendimento, diálogo, interação entre os profissionais envolvidos no trabalho.

A opção pela linguagem como veículo que possibilita refletir sobre a atividade de trabalho, está nas problematizações apresentadas, por exemplo, em Cunha (2010), quando a autora trata a linguagem como elemento, meio de conectar e relatar as experiências de trabalho que abordam os saberes mobilizados nas situações de trabalho. Saberes estes constituídos via relações sociais, que implica linguagem, seja esta de que ordem for (escrita, oral, corporal etc.). Neste sentido, Santos (2004) lembra que, ao considerar as dimensões coletivas como construtoras de saberes, a linguagem aparece como preponderante.

Malglaive (1995) destaca: "a teoria ignora certas categorias da ação e, por este motivo, [...] não é possível conhecer um conceito sem conhecer o conjunto das relações nas quais ele se insere e que, por isso mesmo, o definem" (MALGLAIVE, 1995, p.44).

De acordo com estes autores, a linguagem pode ser considerada como uma das categorias que permite conhecer as relações nas quais esta se insere. Aspecto este que colabora substancialmente para a constituição de justificativas considerando assim a pertinência de abordar a complexidade da atividade de trabalho, através da linguagem. Sendo esta também bastante abrangente e complexa, como destaca Nouroudine (2002).

É a partir deste entendimento de que a forma com que o trabalhador se faz na atividade de trabalho implica relações e produções de saberes, que esta pesquisa se insere no Mestrado em Educação Tecnológica do CEFET/MG, mais especificamente na linha de pesquisa: Processos Formativos em

³ Sobre o trabalho prescrito Santos *apud* Santos (2004) diz que se trata da "definição prévia da maneira como o trabalhador deve executar o trabalho: o modo de usar os equipamentos e as ferramentas, o tempo concedido para operação, o como fazer e as regras que devem ser respeitadas" (SANTOS, 2004, p.25).

Educação Tecnológica, contribuindo ainda para a temática do grupo de estudo e pesquisa FORQUAP/CEFET-MG. De modo pontual, a pesquisa ainda em andamento, propõe-se em verificar e analisar, por meio da linguagem, as especificidades que definem e viabilizam a interação de saberes, nas situações de trabalho, entre profissionais com níveis de qualificação distintos, neste caso, a construção civil, isto é, pedreiros e mestres-de-obras.

Será na observação da especificidade da construção civil que pretende-se identificar qual ou quais elementos da linguagem revelam as memórias, a organização do trabalho e dos saberes, o uso de si, e/ou outras dimensões fundamentais da atividade. Até mesmo porque

a linguagem tem, então, uma dupla face. Por um lado, tenta antecipar as atividades, regulando a forma como serão executadas, através das normas que antecedem o trabalho; por outro lado, expressa a riqueza da atividade que ultrapassa o prescrito em termos de normas antecedentes, pois tanto não se restringe ao prescrito como também pode ser fonte fecunda para o exame de seu disfuncionamento, fonte do seu aprimoramento e comprovação *sine qua non* de que essa experiência mobiliza saberes diversos, alguns não verbalizáveis (CUNHA, 2010, p 60).

Ainda segundo a mesma autora, não deve haver a pretensão de identificar, registrar e apreender todos os saberes veiculados pela linguagem. Afinal, compreende-se que o ser humano sabe mais do que é capaz de expressar. Além disso, a linguagem é insuficiente na transposição de determinados saberes. É justamente esta “insuficiência” que intriga e conduz a busca de se compreender, como sujeitos com níveis de qualificação distintos, não só produzem saberes profissionais, mas são, ainda, capazes de interagir e se comunicar sobre estes de modo tal que tais saberes, ainda que em códigos informais, são reconhecidos e compreendidos no seu meio profissional. Neste sentido, com a abordagem Trabalho e Linguagem, espera-se conhecer de que maneira o agir humano na atividade de trabalho adquire condições de interpretar e ser interpretado em diálogos com textos falados e/ou escritos de/no trabalho.

POR QUE A CONSTRUÇÃO CIVIL ?

A proximidade com a temática Trabalho e Educação é oriunda de uma preocupação em discutir as implicações políticas, econômicas, sociais, entre outras, que permeiam o mundo do trabalho, perpassando ainda por questões profissionais dos autores. Desse modo, as pesquisas e participação em atividades de estudo, seminários e outros, relativos ao tema, possibilitou identificar uma possível lacuna ou mesmo uma possível “reserva” dos pesquisadores desta linha. Constata-se assim, a necessidade de se estudar outras situações de trabalho que extrapolem fábricas, escolas, agências bancárias e hospitais, campos estes em que há o maior número de pesquisas. Tal observação é considerada também por Tomasi (1999) desde a última década do século passado.

Sabemos pouco sobre a Construção Civil e os seus trabalhadores porque a atenção dos estudiosos do mundo do trabalho se concentra, prioritariamente, nos setores produtivos que mais incorporaram inovações tecnológicas e organizacionais, e que, por conseguinte, sofreram maiores transformações. Este é o caso, por exemplo, da indústria automobilística, possivelmente o setor que mais atraiu estudos e pesquisas (TOMASI, 1999, p. 5).

Mediante o desafio de analisar de que modo a linguagem revela os saberes que circulam entre os profissionais em atividade na construção civil, foi

realizada uma pesquisa bibliográfica, nas principais bases acadêmicas, do país. Nestas, as buscas foram orientadas por expressões como: linguagem-construção civil; relação-construção civil; linguagem no trabalho-construção civil; comunicação-trabalho-construção civil etc. Neste levantamento preliminar da produção acadêmica, identificou-se *a priori* dissertações e teses. Identificados estes trabalhos, as palavras-chave e os resumos foram analisados de modo detalhado.

Esta primeira análise permitiu observar que os trabalhos se caracterizavam em quatro principais categorias. São elas: linguagem técnica; qualificação, relações sociais produtivas e formação. Uma vez organizadas as quatro categorias encontradas, a análise foi retomada. Porém, desta vez, além dos resumos e palavras-chave, se considerou as temáticas ou grandes áreas que a pesquisa foi desenvolvida, já que este dado despertou bastante atenção, por sugerirem importantes apontamentos. Confirma-se, nesta análise preliminar que a construção civil, por sua complexidade, faz-se um atraente campo de estudo em diversas áreas do conhecimento. Outra observação é que grande parte das pesquisas, por uma identidade própria, são da Engenharia de Produção e Engenharia Civil. É possível, que isso motive a abordagem dada ao trabalho da construção civil nestes estudos, em sua maioria, reforça que a desqualificação formal dos operários seria a causa central para desperdícios, insucesso quanto a qualidade da obra, motivo do grande número de acidentes de trabalho, desafios/barreiras para se implementar Normas ISO e Certificações de Qualidade, entre tantos outros. Há, ainda, trabalhos que identificam a questão da “desqualificação”, os possíveis prejuízos que esta provoca para gestão e produtividade do trabalho, e a partir de então investem em elaborar e apresentar estratégias para amenizar os possíveis problemas.

Nessa abordagem, se enquadram parte dos trabalhos elaborados no campo da Educação. As demais teses e dissertações em educação enfocam a Educação de Jovens e Adultos, ora em situações em que a escola é inserida como integrante do Programa de Qualidade Total no canteiro de obra, ora casos de alunos que retornam à escola por uma demanda do trabalho e ainda na busca de identificar como o saber sistematizado, tecnológico, faz-se presente de modo espontâneo na prática cotidiana de trabalho dos pedreiros, por exemplo, algumas abordagens antropológicas como na Educação Matemática. Essa abordagem, concernente a Etnomatemática, traz parâmetros epistemológicos da construção de saberes no espaço cultural ao contemplar a diversidade na procura do entendimento de como grupos de indivíduos constroem seu pensamento, códigos, jargões. O que D’Ambrósio (1998) conceitua como abordagem antropológica da Matemática, isto é, “modelo de situações reais como método mais adequado para trabalhar com as diversidades culturais” (D’AMBRÓSIO, 1998, p.35).

O contato desenvolvido, até então, com as produções acadêmicas, revela a grandeza e necessidade de contribuir para que possa haver o reconhecimento do saber sobre o ofício adquirido na atividade de trabalho. Esta é uma marca na construção civil, como relata a pesquisa de Magalhães (1986) e Furtado (1984). Este saber traz como fundamental a interação e comunicação do ser social e profissional. Como já mencionado, os trabalhos encontrados não se dedicam a abordagens com as características pretendidas, para a pesquisa em andamento. Contudo, alguns deles contribuem para que se possa inteirar mais sobre o funcionamento e organização da indústria da construção civil.

Outras pesquisas encontradas, ainda que em menor número, colocam em debate a necessidade de o operário conhecer, dominar os símbolos e códigos que fundamentam sua atividade profissional. A essas, desde já, pode haver uma ressalva, pois sugerem uma abordagem que relaciona a apropriação de tais linguagens como condição para melhorar a produtividade e competitividade da empresa, já que facilita a interação entre operário e engenheiro, o que contribui para uma eficaz concretização da planta. Assim, dá a entender que caberia, somente, ao operário o dever de esforçar-se para adquirir o saber tecnológico.

Tais inquietações não pretendem desconsiderar ou anular que a oportunidade de adquirir conhecimentos técnicos formais contribui, por exemplo, para uma maior competitividade e valorização desta categoria operária. O desconforto propiciado por estes trabalhos reforça o entendimento e a preocupação em desenvolver pesquisas que não destaquem apenas, formação escolar e qualificação profissional *para* o trabalho. Caso contrário, como sugere Santos (2004), corre-se o risco de vir a contribuir apenas para reforçar a concepção que hierarquiza o trabalho manual e intelectual. Crítica esta também contemplada por Santos (1997): “O que distingue o saber da concepção – da engenharia – e lhe dá a legitimidade é a sua formalização, sancionada por um conhecimento social e epistemologicamente reconhecido” (SANTOS, 1997, p. 21).

Mesmo em pesquisas que abordam o sujeito na atividade de trabalho, este deve ser reconhecido para além da sua capacidade produtiva mercantil. O sujeito é subjetividade social, cultural e histórica onde quer que esteja.

Por fim, a revisão bibliográfica desenvolvida⁴, confirma a prevalência histórica de um estigma social e cultural sobre os profissionais que atuam na construção civil brasileira. A construção civil ainda permanece como um campo de trabalho onde é marcante as disparidades quanto à qualificação formal.

CONSTRUÇÃO CIVIL E SUAS ESPECIFICIDADES

No tocante ao universo da construção civil, sabe-se que vem crescendo e se fortalecendo economicamente (TOMASI, 1999; VILLAR, 2004; BOTELHO, 2005; PELISSARI, 2006), de modo considerável e “equilibrado”, sobretudo nas duas últimas décadas. Ainda assim, as informações apreendidas nas teses e dissertações pesquisadas, como por exemplo, o trabalho de Botelho (2005), sugere que comparado aos demais setores industriais, o movimento de modernização na construção civil é ainda bastante incipiente.

A abordagem dada nas pesquisas, até então consultadas, em sua maioria, sugerem que os investimentos tecnológicos restringem-se basicamente à produção dos recursos materiais e às ferramentas de trabalho específicas da gerência, como computadores, softwares, entre outros. Contudo, Tomasi (1999) esclarece que, apesar de muito pouco, houve também alguns avanços nas ferramentas utilizadas em atividades que competem aos serventes, pedreiros e encarregados. Seria, por exemplo, a inserção de guindastes, elevadores, entre outros. Mesmo assim, o referido autor afirma que não se

⁴ A análise da Revisão Bibliográfica, bem como as categorias estabelecidas a partir desta, podem ser verificadas na íntegra, no corpo do Projeto de Pesquisa apresentado e aprovado pelo Colegiado do Mestrado em Educação Tecnológica do CEFET-MG.

pode negar que o eixo central do trabalho na indústria da construção civil ainda possui a marca de ser bastante pesado. É um ofício que implica disposição da força física.

Ainda nas pesquisas referidas, há reflexões que encontram nas especificidades do perfil dos trabalhadores da construção civil a justificativa para as possíveis limitações na modernização desta atividade. Isso porque, no que diz respeito aos serventes, pedreiros, encarregados e mestre de obras, ainda é bastante restrito, o número de profissionais que possuem a escolarização básica e/ou qualificação profissional formal (cursos profissionalizantes, técnicos, formação continuada etc.). Este indicativo, da pouca escolaridade, é ainda mais forte entre os serventes e pedreiros, sendo moderado nos encarregados e mais ameno entre os que conquistaram a classificação de mestre de obras.

Por estes fatores, a construção civil sugere um dos ambientes de trabalho, que de modo bastante peculiar (por sua tradição e gestão), se constitui de extraordinárias possibilidades para interação, desenvolvimento e produções de saberes profissionais. Além deste aspecto, pode-se dizer, ainda, que pela própria dimensão complexa que constitui o universo do trabalho, bem como as contribuições que os estudos relativos a esta área trazem para a sociedade, justifica-se a importância de ampliar o debate e os campos de observação e pesquisa do trabalho e do trabalhador.

Atrasada, como querem alguns, ou um modo original de fabricação, como querem outros, o certo é que nos canteiros de obras da Construção Civil predominam, ainda hoje em todo mundo, atividades "simples", perigosas, insalubres e que exigem grande esforço físico. Essas atividades definem a necessidade de uma mão de obra jovem, forte, "corajosa" e de "boa vontade" para conviver com tais condições, assim como para adquirir os conhecimentos necessários à sua execução. As atividades têm definido, igualmente, uma importância secundária do nível de escolarização do trabalhador (TOMASI, 1999, p.8).

O aspecto relativo à baixa escolaridade é um dos ingredientes que fomenta o interesse em compreender de que modo os saberes circulam e se constituem nas práticas cotidianas dos profissionais de base da construção civil, considerados desqualificados. Neste sentido, justifica-se ainda a necessidade de debater e reconhecer como os profissionais envolvidos apreendem a linguagem própria e particular das especificidades deste ambiente de trabalho.

Nas atividades da construção civil, a demanda de entendimento e de diálogo de saberes entre os vários profissionais envolvidos (engenheiro, mestre, encarregado, pedreiro) é indispensável e, ao mesmo tempo, bastante desafiadora. Reconhecer a especificidade desta situação de trabalho requer considerar o desafio que tal constatação "impõe" aos educadores, no que diz respeito à educação de jovens e adultos, bem como a qualificação e formação profissional. Para além destes aspectos, faz-se pertinente ainda, mencionar a necessidade de valorizar e abrir espaços para um reconhecimento social, cultural e, por que não, econômico aos saberes desenvolvidos e conquistados na interação do homem com o meio, com sua atividade de trabalho.

Um dos desafios vivenciados nestas situações de trabalho, como sugere Magalhães (1986), deve-se ao extraordinário esforço pessoal, como uma condição necessária para que a experiência cotidiana do trabalho seja um motor para desenvolver habilidades. Habilidades estas que, entre outras contribuições, tornam estes profissionais "desqualificados", aptos a uma

interação e diálogo (“técnico”) com engenheiro ou outro profissional envolvido no processo. Ainda sobre este aspecto, é importante mencionar e valorizar a capacidade desenvolvida, sobretudo pelos encarregados e mestre de obras, que possuem a responsabilidade de gerir e mediar a execução das tarefas necessárias. Isto é, responsabilizam-se em tornar possível, claro, eficiente e objetivo o diálogo do planejamento (constituídas pelos empresários, arquitetos e engenheiros) com a distribuição e execução das atividades entre as equipes (equipes/ pedreiros e serventes).

Certamente há que se considerar o engenheiro empenhando-se para conquistar a habilidade e linguagem apropriada para interagir e orientar, de modo eficaz, sua equipe de trabalho. Contudo, é sob a ótica do operário da construção civil, sujeitos “semi-analfabetos”⁵, que se intenciona dedicar maior atenção, na busca de compreender como estes avaliam ter se apropriado dos saberes e da linguagem requisitada, para interagir profissionalmente (como, por exemplo, a linguagem técnica do trabalho).

O desejo de partir do entendimento dos operários explica-se pela particular distância de ordem social, cultural e econômica entre os agentes deste campo. Afinal, aos engenheiros, já é concedido socialmente um poder e reconhecimento legitimados por sua trajetória escolar (diploma de ensino superior). Neste sentido, é oportuno acrescentar uma observação apresentada por Santos (1997):

A capitalização dos benefícios proporcionados pelo saber do trabalhador à produção é uma estratégia já colocada em marcha pelos empresários. Fica a tarefa de construir uma alternativa que, deixando de ser resistência passiva e não caindo na co-gestão do saber no trabalho, resgate o valor epistemológico, social, político e cultural do saber do trabalhador (SANTOS, 1997, p.26).

De acordo com Tomasi (1999), este campo de trabalho da construção civil é marcado por uma originalidade quanto ao seu processo de industrialização. Este processo faz-se particular porque é a partir da existência de inúmeras e diferenciadas condições (sociais, econômicas, culturais, técnicas, estéticas etc.), que se define como um setor possuidor de um modo todo próprio de ser e de fazer.

É frente às especificações particulares do canteiro de obra, consolidadas via dados coletados nas pesquisas de Tomasi (1999), Furtado (1984) e Magalhães (1986), que se pode considerar ter encontrado importantes elementos, que confirmam a motivação para se desenvolver este trabalho. Assim, é possível afirmar que o estudo destes autores colabora substancialmente para subsidiar a problematização da pesquisa proposta.

Verificar estas e outras pesquisas permitiram confirmar, a particularidade da construção civil quanto à organização e gestão do trabalho, aspecto este que remeterá a um segundo elemento a se considerar. A gestão deste trabalho e também a diversidade de condições em que este se coloca fazem do canteiro de obra o próprio produto que se encontra em fabricação, o que torna o trabalho de construção um permanente convite à criatividade do trabalhador. Por fim, uni-se à riqueza das relações humanas e sociais marcadas por

⁵ De acordo com a dissertação de Neiva Terezinha Pelissari, apresentada à Faculdade de Educação da Universidade Federal do Mato Grosso em 2006, a construção civil é o principal setor da economia brasileira que emprega o maior número de trabalhadores analfabetos ou semi-analfabetos e com pouco ou nenhuma qualificação profissional.

diferenciadas condições ao fato de o trabalhador da construção civil ainda ser seu próprio mestre, no que diz respeito a aprender o ofício.

Desta forma, o estudo em andamento, pretende responder às seguintes questões:

- *Quais situações de trabalho da construção civil possibilitam a aquisição e constituição dos saberes necessários para atuação profissional?*
- *Quais tipos de linguagem circulam entre os profissionais de base da construção civil?*
- *De que forma a linguagem revela os saberes dos profissionais da construção civil?*

SABERES E LINGUAGENS NAS SITUAÇÕES DE TRABALHO

Como mencionado, o estudo proposto aborda a complexidade da atividade de trabalho, via elementos da linguagem, que podem revelar os saberes bem como outras dimensões fundamentais da atividade, na Construção Civil. O referencial teórico que vem subsidiando os estudos deste objeto contempla a relação e a produção de saberes nas situações de trabalho, a partir de autores que comungam com a abordagem ergológica do trabalho.

Segundo Trinquet (2010), “a ergologia [...] com bastante pertinência dedica-se em pesquisar a complexidade intrínseca da atividade humana do trabalho”. Ainda em Trinquet (2010) e também em Cunha (2010), é possível compreender que a riqueza da abordagem ergológica constitui-se em pautar-se em um processo que busca apreender *o que fazem* os sujeitos, *por que fazem* e *como fazem*. Aproximar da complexidade da atividade humana do trabalho com tais propósitos viabiliza abordar o conjunto de problemas que a constitui como: a formação profissional, gestão e outros. “A ergologia permite abordar a realidade da atividade humana, em geral, e a atividade de trabalho em particular” (TRINQUET, 2010, p. 94).

A pesquisa ergológica estrutura-se de modo multidisciplinar, pois considera que “todas” as disciplinas seriam necessárias (ainda que insuficientes) para se compreender e analisar a complexidade da atividade de trabalho. De acordo com Trinquet (2010), a ideia não é sobrepor tais disciplinas, mas sim colocar em dialética, os saberes preciosos e pontuais elaborados pela especialidade de cada uma delas. A união pluridisciplinar destas disciplinas (Sociologia, Psicologia, Filosofia, Educação etc.) é que possibilita o encontro global. Este encontro conduz à abertura de novas perspectivas e horizontes ao conhecimento, sobre a atividade de trabalho.

Os conceitos ergológicos não colocam em causa os valores e os interesses dos conceitos de outras disciplinas especializadas, que foram postas em dialética e metamorfoseadas. Entretanto, eles abrem outras possibilidades, outras abordagens metodológicas, outros conhecimentos, outros horizontes (TRINQUET, 2010, p. 95).

Por um viés ergológico, a abordagem da atividade laboriosa na construção civil possibilita promover um debate dialético, entre os saberes eruditos e os saberes da experiência.

Na ergologia, é possível encontrar subsídios para estudar o trabalho para além de uma ação prática e/ou técnica. Assim, de acordo com Schwartz e Durrive (2010), Souza-e-Silva e Faïta (2002), Trinquet (2010), a ergologia se refere à categoria *atividade de trabalho*, como algo mais complexo. Seria uma

atividade interior que dialoga com o corpo, meio de trabalho e os demais sujeitos envolvidos. Ainda que de ordem abstrata, é esta interação completa que faz o trabalho acontecer. É neste contexto do cotidiano que saberes são criados, comunicados, debatidos e transgredidos (normas). Na situação de trabalho há

uma liberdade – que é perceptível para todo o mundo –, muito limitada pelas coerções inevitáveis, mas nunca há somente uma única melhor maneira de fazer as coisas. Pois, sempre há escolhas, por mais ínfimas que elas sejam. É isso que diferencia os seres humanos dos robôs, estes fazem sempre igual e tal como foram programados. Um robô não tem estado de alma, enquanto que um homem sempre hesita porque é consciente e pode escolher, adaptar-se atualiza e, portanto, inovar (TRINQUET, 2010 p. 97).

Em Santos (1997), Schwartz (2000, 2003, 2010) e Santos (2004) é possível encontrar a confirmação de que o contexto e a atividade de trabalho é uma importante e rica referência para compreender a maneira como se dá a formação dos trabalhadores nas situações de trabalho. No que diz respeito à qualificação do trabalhador da Construção Civil especificamente, Tomasi (1999) evidencia o caráter mítico e exótico do saber-fazer, bem como de sua transmissão, oriunda (quase que em sua totalidade) do/no próprio canteiro de obras.

Baseando em reflexões apresentadas por Tomasi (1999), compreende-se que no caso da construção civil, a escolaridade poderá facilitar a aquisição de alguns saberes particulares ao canteiro de obras. Entende-se por meio do estudo realizado, que a escolaridade aliada ao saber específico deste campo de trabalho, pode facilitar a ascensão no lugar posicional da estrutura hierárquica da empresa. Contudo, a formação dos profissionais de base da construção civil (pedreiros, serventes, mestre de obras, encarregados) se dá na experiência prática, ao contrário dos demais setores industriais (como o automobilístico) estaria distante de ser substituído pelo trabalhador egresso da escola (média e/ou técnica).

A escolaridade que parecia só trazer solução, traz também, problemas aos canteiros de obras. Por exemplo, alguns conhecimentos essenciais para os trabalhos da Construção bem como para a constituição de um ofício parecem ser adquiridos, apenas, nos canteiros de obra. Assim, quanto mais tempo o jovem se mantém na escola, mais tarde adquirirá tais conhecimentos. É possível, inclusive, que ele jamais os adquira. [...] os jovens de escolaridade mais elevada [...] se recusam a ocupar alguns postos de trabalho que, não obstante na sua posição inferior na cadeia hierárquica do canteiro, contribuem enormemente para a formação profissional (TOMASI, 1999, p.40).

Assim, em Magalhães (1986) e em Tomasi (1999) compreende-se que perpassar as várias classificações possíveis em uma construção é essencial para adquirir as competências necessárias ao exercício profissional deste gênero industrial. É apenas no caso de cargos mais de gestão, como encarregados e mestre de obras, que alguma exigência quanto à escolaridade se faz presente. Há um reconhecimento quanto às contribuições da escola, para um melhor exercício profissional. Contudo, esta exigência aparece apenas porque não é possível assegurar estes cargos, mais elevados (encarregados e mestre de obras), a todos os trabalhadores. Portanto pode-se subentender que a exigência quanto à escolaridade não se relaciona diretamente ao saber necessário para a sua atividade prática. Até mesmo porque alguns autores (TOMASI, 1999; MALGLAIVE, 1995; CHARLOT, 2000; SCHWARTZ e DURRIVE, 2010), revelam em seu estudo que há saberes que são específicos à atividade e portanto não seriam

adquiridos, incorporados, por meio dos espaços formativos formais (cursos, escola, entre outros).

O saber profissional do trabalhador da construção civil se dá., em sua grande maioria por meio da experiência prática, sobretudo em profissionais que atuam em pequenas e médias empresas do ramo (VILLAR, 2004). Assim também, sua formação inicial e continuada é fruto do cotidiano de trabalho. A especificidade estrutural e organizacional da indústria da construção civil revela que a aprendizagem de seus profissionais se constrói no lugar de trabalho, na experiência. Esta experiência evocada se desenvolve, segundo Tomasi (1999) e Aranha (1997), na relação estabelecida entre o trabalhador e a sua tarefa. Esta relação estabelecida é permeada por um conjunto de situações vividas no seu trabalho ao longo do tempo, mas também para além deste (família, escola, comunidade etc.). Sabendo que estas experiências sociais formadoras são “levadas” para o trabalho, a pesquisa dedica-se aos saberes constituídos e adquiridos na experiência, na prática laboral. O empenho é analisar a maneira que estes saberes profissionais são transpostos e relacionados nas práticas languageiras⁶ do cotidiano na construção civil. Nesse sentido,

falar de redes sociais de intercâmbio equivale a referir-se às formas de organização social na empresa. É colocar em destaque a capacidade dos indivíduos de construir uma linguagem, formas de comportamento, relações de negociação, de aliança e de enfrentamento com relação às definições técnicas e organizacionais vividas na Situação de Trabalho, enfim aquilo que, sob noção de informal, tem sido analisado com a verdadeira forma de realizar a produção (VILLAVICENCIO *apud* ARANHA, 1997, p.15).

De acordo com Trinquet (2010), a ergologia tem a atividade de trabalho, em um encontro dialético de três “momentos” indissociáveis, presentes em todas as situações de trabalho. O primeiro momento seria o objeto de trabalho particular, podendo ser material ou intelectual (as condições de sua realização). É tudo que antecede o trabalho, sendo fundamental para elaborar sua prescrição (são livros, cursos, máquinas, *software*, procedimentos e outros mais). Este primeiro requisito é denominado pela ergologia de *saber constituído*. O momento seguinte é o encontro dos materiais definidos no primeiro instante com o homem. Este poderá ser individual ou coletivo, mas sem dúvida, será um “encontro” único já que são singulares (somos todos diferentes). Por fim, o gerenciamento de variabilidades possíveis “consequência” do meio social e físico (atrasos, composição de equipe, relações sociais, meteorologia etc.). “Cada indivíduo jamais faz algo igual e jamais é perfeitamente igual aos outros (TRINQUET, 2010, p.99).

Vislumbrou-se a complexidade que envolve a atividade de trabalho, bem como a particularidade humana de produzir conhecimento ao relacionar-se com meio e com os demais seres humanos. Entende-se que este exercício desenvolvido nos três momentos mencionados é um convite para reflexões acerca do trabalho, sobretudo em espaços que implicam uma relação de trabalho bastante intrínseca. Relação esta, entre profissionais com origens socioculturais e qualificacionais bem distintas, como é o caso da construção civil. Independente de aspectos socioculturais, Jones e Wood *apud* Aranha (1997) explicita que é comum a especialização (de ordem prática ou escolar) em determinada função, influir diferenças, formais ou informais, nas

⁶ Sobre práticas languageiras, ver Souza-e-Silva e Faïta (2002).

linguagens (profissionais/técnicas) utilizadas pelos trabalhadores. A expressão utilizada, em uma determinada situação de trabalho, revela saberes sobre o ocorrido. Tal prática é bem exemplificada, ainda em Wood *apud* Aranha (1997, p.15): “quando se faz uma máquina voltar ao ponto inicial de uma sequência de movimentos, chamar-se-á a situação de colocação em ponto zero, porque zero significa... etc, etc”.

Segundo Cunha (2010), a linguagem é uma dimensão da atividade de trabalho. Assim, a atividade de trabalho, por meio dos recursos linguísticos utilizados, reflete as estratégias adotadas para ajustar e reconfigurar sua atividade. Neste sentido, Schwartz e Durrive (2010) dizem que as práticas de linguagem, próprias de um campo de trabalho específico, são fontes reveladoras dos usos que os trabalhadores fazem dela (a linguagem) para regular sua atividade:

Procura-se compreender tais construções languageiras – que à primeira vista, são surpreendentes – como sendo subversões da linguagem, **invenções mais ou menos bem ajustadas às situações locais e que, portanto, as acompanham e permitem sua eficácia, ainda que sejam com frequência estritamente incompreensíveis para quem não se encontre na referida situação – o que é normal: incompreensíveis, justamente porque estão sendo criadas em função da singularidade da situação e dos problemas singulares colocados pela situação** (SCHWARTZ e DURRIVE, 2010, p.136. Grifo nosso).

Estas diferenças de linguagem, constituídas no cotidiano, são “adequadas” a cada grupo de trabalho. Mont’Alverne Neto (2009), apoiando-se em referenciais como Bakhtin e Bourdieu, diz que a realização da comunicação, da transposição de conhecimentos e/ou informações, só acontece completamente se a mensagem (a comunicação/diálogo) for decifrada, ou seja, bem compreendida pelo interlocutor. Isto é, o próprio falante (comunicador) não almeja apenas uma transposição passiva. Seu objetivo é uma objeção, concordância, uma participação. Relação esta indispensável a qualquer atividade, o que reitera a pertinência de se buscar na linguagem um vetor para se compreender ou se aproximar das situações de trabalho.

Ainda em Mont’Alverne Neto (2009), compreende-se que a atividade languageira desenvolve-se após a escolha de um gênero do discurso, apropriada à situação. Ainda que se trate de indivíduos com pouca escolaridade, estes empenham-se e mostram-se capazes de discernir a “conduta” expressiva mais adequada. Assim, entende-se que no caso da construção civil, os profissionais de base (pedreiros, encarregados e mestres de obras), podem *a priori* não possuir o domínio da linguagem técnica do engenheiro, e vice-versa. Ademais, Mont’Alverne Neto (2009) considera que a linguagem está emoldurada pelas condições sociais de sua produção e, assim, reflete a realidade extraverbal. Mas, o que se pode “concluir” ou considerar por ora é que a realidade extraverbal revelada nas práticas languageiras das situações de trabalho não impedem a interação laboral eficiente, já que (cumpre-se a tarefa prescrita) produz e relaciona saberes.

É provável que haja algo passível de ser “classificado” como **letramento profissional**. Seria, provavelmente, o que acontece na leitura que o encarregado ou o mestre de obras faz da planta em situações conjuntas com engenheiro, ou ainda, no caso de porteiros e empregadas domésticas.⁷ Em Soares (2006), letrado pode ser um adulto,

⁷ Sobre práticas de letramento profissional (se assim pode-se dizer) mencionadas, verificar Coutinho (2005) e Resende (2008).

[...] analfabeto, porque marginalizado social e economicamente, mas se vive em um meio em que a leitura e escrita têm presença forte, se se interessa em *ouvir* a leitura de jornais feitas por um alfabetizado, se recebe cartas que outros leem para ele, se *dita* cartas para que um alfabetizado as escreva (e é significativo que, em geral, dita usando vocabulários e estruturas próprios da língua escrita), se pede a alguém que lhe leia avisos ou indicações afixados em algum lugar, esse analfabeto é, de certa forma, **letrado**, porque faz uso da escrita, envolve-se em práticas sociais de leitura e escrita (SOARES, 2006, p.24. Grifos da autora).

O trabalho, bem como a atividade de trabalho⁸ na da construção civil, é espaço fértil para se relacionar o desejo, bem como os saberes (esforços) sugeridos na citação acima.

Sobre a necessidade de ler e interpretar conteúdos específicos do trabalho da construção civil, Magalhães (1986) apresenta trechos de entrevistas desenvolvidas com serventes, pedreiros, mestres e engenheiros. Nestas entrevistas, os profissionais sinalizam o valor atribuído às representações escritas que circulam e definem a tarefa, à luz de uma perspectiva de letramento. O contexto de trabalho, apresentado pela autora, revela que é indispensável à atividade laboriosa, possuir, desenvolver, compreender e utilizar socialmente as linguagens, que caracterizam e definem este espaço de trabalho. Um dos entrevistados por Magalhães (1986) diz: “Não basta só ler aquela figura, ele teria que fazer a leitura e interpretá-la” (MAGALHÃES, 1986, p.70). A fim de qualificar, ainda mais, a reflexão, conta-se com contribuições de Paulo Freire apresentada por Cunha (2010), no que diz respeito ao adulto letrado.

Todos devem ser considerados letrados, na medida em que são portadores de uma leitura de mundo, mesmo quando não são portadores de uma leitura de palavra, permite acolher a riqueza das estratégias desenvolvidas por jovens e adultos trabalhadores analfabetos e semi-analfabetos para realizar seu trabalho” (FREIRE *apud* Cunha, 2010, p. 63).

Com contribuições teóricas de autores como Schwartz e Durrive (2007), Schwartz (2010, 2000, 2003), Aranha (1997), Cunha (2006, 2010), Santos (1997), Charlot (2000), entre outros, espera-se apreender nas situações reais de trabalho, os significados e sentidos que a linguagem revela sobre as experiências e saberes dos sujeitos, dos trabalhadores. Em Cunha (2010), há a seguinte afirmativa: “não é possível pensar o trabalho sem se defrontar com as interações comunicativas que o tecem no cotidiano” (CUNHA, 2010, p. 49). A linguagem representa uma matéria para se pensar o trabalho, podendo trazer à luz há inúmeras situações que requisitam alguma intervenção, como por exemplo, a formação profissional e a educação de jovens e adultos. Entretanto, além deste aspecto, é preciso compreender que as investigações do domínio Linguagem e Trabalho transcendem questões referentes à escolaridade dos adultos, já que tal abordagem da linguagem desenvolve-se especificamente, nos usos atribuídos a esta em situações laborais.

Em suma, a pesquisa, ora em realização, busca nas situações de trabalho e nas interações advindas das relações sociais produtivas, estudar a qualificação profissional na construção civil.

⁸ Para melhor compreender a distinção entre trabalho e atividade de trabalho, consultar Trinquet (2010) e Schwartz (2000).

REFERÊNCIAS

- ARANHA, Antônia Vitória Soares. O conhecimento tácito e a qualificação do trabalhador. **Trabalho e Educação**, Belo Horizonte, NETE/FaE/UFMG, n.1, p.21-34, jan./jun.1997.
- BOTELHO, Wargner Costa. **A invenção tecnológica na construção civil de edifícios e a qualificação da mão-de-obra**. São Paulo: Universidade Paulista, 2005. (Dissertação de Mestrado).
- CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- COUTINHO, Ana Carolina Faria. **Práticas e eventos de letramento de jovens e adultos**. Um estudo com porteiros em Maceió. Maceió: UFAL, 2005. (Dissertação de Mestrado).
- CUNHA, Daisy Moreira. Problemas de trabalho, problemas de linguagem? **Educação e Realidade**, n.35, p.49-64, jan./abr.2010.
- _____. A formação humana entre o conceito e a experiência do trabalho: elementos para uma pedagogia da atividade. **Trabalho e Educação**, Belo Horizonte, NETE/FaE/UFMG, v.15, n.1, p.87-90, jan./jul.2006.
- D'AMBRÓSIO, Ubiratan. **Etnomatemática**. São Paulo: Ática, 1998.
- FURTADO, Maria Piedade Alves. **O operário da construção em construção**. Belo Horizonte: FaE/UFMG, 1984. (Dissertação de Mestrado).
- MALGLAIVE, G. **Ensinar adultos: trabalho e pedagogia**. Porto: Porto Editora, 1995.
- MAGALHÃES, Maria C. Soares. **Trabalho, Aprendizado e Saber-Ofício**. Operário da Construção Civil de Belo Horizonte. Belo Horizonte: FaE/UFMG, 1986. (Dissertação de Mestrado).
- MONT'ALVERNE NETO, Rosane de. **Correspondências do Cárcere: Um estudo sobre a linguagem de prisioneiros**. Belo Horizonte: FaE/UFMG, 2009. (Dissertação de Mestrado).
- NOUROUDINE, A. A linguagem: dispositivo revelador da complexidade do trabalho. In: SOUZA-e-SILVA, M. C. P. e FAITA, Daniel. **Linguagem e Trabalho**. São Paulo: Cortez, 2002.
- PELLISSARI, Neiva Terezinha. **Alfabetiza e qualificar o orelha-seca e o meia-colher: um desafio político pedagógico para a construção civil. A experiência da Concremax com alfabetização de jovens trabalhadores em Cuiabá/MT**. Cuiabá: UFMT, 2006. (Dissertação de Mestrado).
- RESENDE, Patrícia Cappuccio. **Modos de participação de empregadas domésticas nas culturas do escrito**. Belo Horizonte: FaE/UFMG, 2008. (Dissertação de Mestrado).
- SANTOS, Geraldo Márcio Alves. **A pedagogia da ferramenta: estratégias de produção, mobilização e formalização de saberes tácitos criadas pelos ferramenteiros de uma indústria metalúrgica**. Belo Horizonte: FaE/UFMG, 2004. (Dissertação de Mestrado).
- SANTOS, Eloisa Helena. Trabalho prescrito e real no atual mundo do trabalho. **Trabalho e Educação**, Belo Horizonte, NETE/FaE/UFMG, n.1, p.21-34, jan./jun.1997.
- SCHWARTZ, Yvez e DURRIVE Louis. **Trabalho e Ergologia: conversas sobre a atividade humana**. Niterói: Editora da UFF, 2010.
- SCHWARTZ, Yvez. Trabalho e Saber. **Trabalho e Educação**, Belo Horizonte, NETE/FaE/UFMG, v.12, n.1, p.21-34, jan./jun.2003.
- _____. Trabalho e uso de si. **Pró-posições**, v.1, n.5 (32), p.34-50, jul.2000.
- _____. A experiência é formadora? **Revista Educação e Realidade**, n.35, p.35-48, jan./abr.2010.
- SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- SOUZA-e-SILVA, M. C. P e FAITA, Daniel. **Linguagem e Trabalho**. São Paulo: Cortez, 2002.
- TOMASI, A. **A construção social da qualificação dos trabalhadores da construção Civil De Belo Horizonte: estudo sobre os mestres de Obras**. Belo Horizonte: CEFET-MG, 1999. (Relatório de Pesquisa – Pesquisa Desenvolvida com Recursos do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, dez.1999)
- TRINQUET, Pierre. Trabalho e Educação: o método ergológico. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, número especial, p.93-113, ago.2010.

VILLAR, Lúcio Flávio de Souza. Panorama da Construção Civil: cursos de qualificação de mãos de obra são realmente desejados? In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, Belo Horizonte, 2004. **Anais...** Belo Horizonte, 2004.